

Copyright



REFLEXÕES

Contos, crônicas e poesias.

1979-1985

JOSÉ M. DA SILVA

© Rio de Janeiro

ÍNDICE

O POETA	3
O HOMEM DA VAGONETA DE CASSINO	4
FOI O SOL	5
VALE OITENTA CRUZEIROS	8
PARA HEMINGWAY	10
VARIAÇÕES DA MESMA BUNDA	12
HISTÓRIA DAS TRÊS FADAS	14
FÁBULA	16
ENQUANTO HOVER BRIGADEIRO	21
CINCO TEMAS PARA DEPOIS DO JANTAR	24
I A NOITE	24
II OS FANTASMAS	25
III O PRESENTE	26
IV APOLOGIA DA VIDA ENQUANTO VIVA	27
V INTERPRETAÇÃO PARA A MORTE DE SÓCRATES	28
DIVAGANDO OUTRA VEZ	30
DIÁRIO	32
I MANHÃ	32
II NOITE	33
ERA PRA SER UMA CARTA, MAS FIQUEI PREOCUPADO	35
I	35
II	36
III	37
IV	38
V	39
EXAGERO DE AMOR	40
NO ÔNIBUS	41

O POETA

Ah! infância, por que não me deixas? – penava o poeta – por que me fazes chorar pelo que não posso fazer? Por que pago eu pelos anseios de meus pais? És tão triste... Sei que de você só ficarão recordações. Alegres, talvez, mas só recordações, e de um tempo no qual eu nem sabia que era, quem era...

Ah! juventude, por que não vais embora? – dizia o poeta – por que me atormentas com os desejos da carne, o dinheiro e o céu? Ainda agora nada posso fazer, mas sei que deveria. Ou talvez não devesse... Tu só trazes destruição: por ti e contigo morrem uns de amor, outros pela e na guerra; para você se enfeitam as mulheres e vacilam os inseguros que pisam na terra fofa da adolescência; choram convencidos os beatos forjados que pensam que sabem.

Ah! velhice, por que chegaste? Por que não deixas que a morte me leve para bem longe? – chorava o poeta – já não posso fazer o que quero, é tarde demais. Meus membros não respondem a mais nada do que peço. Tenho tudo e não tenho nada. Tu és má: fazem-se as guerras e prega-se o certo e o errado. Agora eu mando, e por tua causa sou respeitado até mesmo pelo que não sou mas pelo que me obrigas a aparentar.

Ah! só me resta você – delirava o poeta – talvez agora eu consiga saber tudo o que nunca soube. Talvez você me mostre o caminho, se é que ele existe. Quem sabe agora eu deixe de ser hipócrita. Talvez agora...

Rio, 1979.

O HOMEM DA VAGONETA DE CASSINO

Quando cheguei a um lugar que chamavam porto, e de onde se estendia uma longa estrada de ferro que continuava a perder de vista por sobre o mar, sempre ladeada por montes de enormes pedras em ambos os lados, um homem sentava-se sobre uma vagoneta – um tablado de madeira com uma vela, que rola sobre os trilhos. Sozinho, embora conversando com outros.

Andamos na vagoneta. Eu e ele.

Velho, forte, pouca fala, grotesco, simples e, sobretudo, só.

Tudo sobre ele é solidão – inspira solidão, o ar em sua volta é solitário. Mesmo quando fala, sua fala é só, não é dirigida, é solta ao acaso, como quando se solta um bocejo. Sua figura é triste, seus movimentos escassos e lentos, porém fortes.

Quando o deixo, sinto-me deixando minha própria solidão adicionada à sua, mas paradoxalmente, sinto-me também só, e esta solidão é diferente das que sentira antes – esta dói-me a alma.

Andam milhares de pessoas em sua vagoneta, e todas elas se riem. De que!? Da solidão do pobre homem? Não, elas nem se apercebem disso, não se sentem agoniadas por dentro, incapazes – melhor para elas.

Mas eu olho aquele homem de camisa azul, já rala pelo tempo, molhado de suor, uma figura imponente que se posta agora contra o cenário de um mar iluminado pelo sol poente, que cai lentamente às suas costas e parece exagerar ainda mais a sua solidão, que agora é a mera silhueta de um homem.

E ele vai agora empurrando sua vagoneta para o repouso. Só. Ele, a vagoneta, a estrada, o mar, o sol, e sua solidão – e meu olhar que o acompanha lentamente. Sua cabeça vai baixa como uma pessoa que não espera encontrar nada na estrada para onde olha; portanto, não precisa levantar os olhos. A estrada de ferro é sua vida, a vagoneta seu pão, e ele, sua própria solidão.

Buenos Aires, 1983.

FOI O SOL

Certos dias o sol nasce mais redondo que em outros – para certas pessoas. E por isso nesses dias brilha mais, dando assim um toque mais claro a todas as coisas, ruas e pessoas. Especialmente às pessoas que trabalham o dia inteiro num escritório, trancadas sob os efeitos discutíveis de um ar artificial, ainda que gostoso; pessoas essas que começam a rotina às oito da manhã e voltam a casa lá pelas seis da noite – é, largam a rotina e vão à mesmice (desculpem se a palavra já foi usada por outra pessoa). Essas pessoas geralmente trabalham no centro da cidade, e divertem-se – quer dizer, o verbo divertir-se aqui tem o sentido de arranjar-algo-para-quebrar-a-monotonia, esquecendo assim a tal mesmice de acima – masturbando-se mentalmente (e às vezes até fisicamente) com as pernas das secretárias; indo ao banheiro de quinze em quinze minutos; telefonando; lendo o jornal; bajulando os mais superiores – e superiores aqui pode ser um eufemismo para os pseudo-chefes-mas-que-são-amigos-dos-chefes; – folheando revistas pornográficas e sonhando com as coxas bem torneadas e vaginas fumegantes que lá estão fotografadas de muito perto (que sorte a do fotógrafo!) – e provavelmente lamentando o fato de suas mulheres não serem nem de longe parecidas, mas que no fundo é uma glória, pois elas assim são honestas, e não putas; – vendo a batida lá embaixo e comentando que mulher devia era ficar em casa, ou que o cara tirou carteira em Portugal (os portugueses dizem que foi em Niterói). Naturalmente tudo isso é feito em grupos de no mínimo três porque o ser humano – de baixa linhagem intelectual, é claro – não tem coragem de fazer certas coisas sozinho; ele precisa de incentivo e companhia (exceto para o caso das pernas das secretárias e da bajulação). E nas horas vagas trabalham porque, afinal de contas, são pagos para isso.

Mas não é isso que eu queria contar. Voltemos ao sol que brilhava mais forte. Essa gente toda na hora do almoço forma no centro da cidade uma coisa parecida com uma aglomeração disforme de objetos que se movem, meio em grupos meio solitários, em direção a certos pontos estratégicos que poderiam ser chamados de lugares-onde-se-comer-algo-ruim-por-um-preço-algo-mas-que-não-tem-problema-porque-é-mais-prático-e-menos-vergonhoso-que-a-marmitta. Pois bem. Uma dessas pessoas – uso o termo sozinho porque o adjetivo estúpidas ficaria desencaixado; daria uma certa ênfase à pessoa, o que não absolutamente necessário – nesse dia em que o sol estava mais amarelo (vai ver que era porque estava mais perto da Terra) entrou num lugar daqueles e perguntou ao atendente.

– Esse pastel é de quê?

– De queijo – respondeu o outro.

Imagine-se agora a cena nos seus detalhes: os dois estavam separados pelo balcão de vidro com os salgadinhos por dentro expostos ao público faminto. O atendente – notem que é a segunda vez que uso atendente em vez de garçom, por razões estéticas e de veracidade – era um tipo baixo, não muito gordo, daqueles que gostam de ver o framengo jogar no domingo e que fazem o supletivo à noite –, por favor não vejam aqui qualquer preconceito, mas o simples comentário de um fato – entre outras características de menos importância.

O bar estava cheio de gente e o atendente ficou parado à espera de uma decisão do freguês, que, por sua vez, também se mantinha estático, esperando que o atendente o servisse, pois, pensou, seu silêncio era uma indicação mais do que bastante para tal.

É importante levar à observação que o freguês era um homem alto, bonito – bem, gosto é gosto –, do tipo que se vê em fotonovela abraçando e beijando a mocinha; aquele tipo por quem as suburbanas molham as calcinhas quando conversam com as amigas ou quando ficam à janela aos domingos vendo o dia passar, ou, como diriam alguns, vendo se aparece algum pretendente ao cargo de marido. Bem vestido, mostrava que devia ser uma pessoa cotada para uma promoção não muito longe, do tipo que a mulher média gostaria para amar – e amar aqui significa um nome mais bonitinho para ter-como-vigia, sustentáculo, príncipe-encantando, não-preciso-trabalhar, e outras vantagens mais que a garota zona sul diria que não quer, mas acaba casando tal e qual – em resumo, uma figura comum no centro da cidade, dessas que usam uma aliança fininha na mão direita – que lá permanece por um bom tempo, o que revela um bom gosto por parte do usuário, por ser fininha, e um cego respeito à instituição do casamento (ou um casamento cego em respeito à instituição), embora o noivado dure frequentemente uns quatro anos, demonstrando certezas inabaláveis quanto às decisões tomadas no jantar bifamiliar, quando os alcoviteiros oficiais louvam o titubear do bom-partido – que namora sábado e domingo (os outros dias são da filial) e que dá porrada em quer mexer com a minha nega – que, por coincidência, é o nome de uma canção que ele conhece.

O rapaz do lado de dentro do balcão gostava de seguir as regras ao pé da letra – especialmente quando era ele quem as criava – e não via qualquer razão para servir o freguês que ainda não havia manifestado oralmente o desejo de comer ou não o pastel de queijo. E assim lá continuou: em pé, cabeça baixa, esperando a ordem que não vinha. Afinal ele não era nenhum adivinho; daí, como é que ia saber o que o cara queria? – Esses executivos têm cada idéia – pensou. – A gente tem que mostrar a eles quem é que manda, porra. Eles pensam que são os donos do mundo. Mas comigo não, aqui o buraco é mais embaixo. Quer o pastel, diz que quer o pastel. Eu não tenho instrução, e eu sei que sou pobre, não tenho nada, mas eu trabalho também, que merda; e comigo tem que fazer direito. Tá pensando o quê? – Esse era o atendente, que provavelmente era casado com a Maria, que a esta hora devia estar dando

banho no mais novo e xingando a barriga enorme que não deixava ela andar direito e o barraco que na última chuva quase rolara o morro.

Já o homem do lado de fora do balcão pensava que esses tipos eram todos iguais, que não viam a sua posição. Afinal o pastel custa caro, e ele está pagando. — Então eu tenho o direito de exigir ser bem atendido. Esse babaca tá pensando que é o quê? O gerente? Paraíba do cacete! Se não me perguntar, eu também não respondo. Precisa dizer? O cara ta vendo que eu quero o pastel. Se eu não falei nada é porque eu quero, né?

A mulher atrás do balcão em frente já havia trocado de perna três vezes – era porque ela estava usando um sapato de salto alto, que provavelmente ganhara do marido – não no aniversário, mas num dia como outro qualquer, num desses arroubos de paixão aos quais se entregam certos homens que chegam tarde em casa com a boca cheirando a cachaça e o pescoço a perfume barato – e o salto era muito alto. Portanto, ela tinha que descansar os pés de vez em quando. Ela até havia passado o rizzoli para a mão direita e deixara a esquerda estendida sobre o balcão; talvez assim o cara do outro lado visse que ela era casada e parasse de olhar – se bem que ele era bem bonitinho, tinha um peito cabeludo que se via pela abertura da camisa, e a boca era grande (o que deveria fazer aquela boca?). Só que o colarinho estava meio sujo...

E foi aí que o garçom resolveu atender outro freguês – gostaram? Usei garçom. É menor –, ao mesmo tempo em que o freguês decidia comer em outro lugar – talvez churrasquinho no pão.

De noite a Maria, meio entediada e mal-humorada, ouviu a história de um cara maluco que havia entrado nos eixos com uma bronca do marido, ao qual todos tinham dado razão.

E a virgem, mas nem tanto, que fazia serviço social – não que ela gostasse de ser virgem, mas é que podia perder o noivo; e não que gostasse de ajudar os outros, mas o que iria pensar a família do moço se ele se casasse com uma moça sem faculdade (serviço social era fácil de entrar) – ouviu pelo telefone lá pelas duas da tarde a briga do noivo com o cara do bar, com vidro quebrado e tudo – e um beijão pra ela cheio de saudades que sábado ele contava tudo. Não, a polícia tinha prendido o cara do bar, não ele. É lógico.

Rio, 1983.

VALE OITENTA CRUZEIROS

Mas por que oitenta? Não me sai da cabeça. Oitenta cruzeiros! Por que só oitenta, e não cem; ou até cinquenta? Mas oitenta não faz sentido. Se ele pedisse um número redondo, exato, mas oitenta está no meio de cinquenta e cem, não encaixa em nenhuma razão plausível de esmola. Por quê?

O homem tinha barba, bem vestido, alto e, além de tudo, não tinha cara de oitenta cruzeiros. Talvez até de uns cem, mas jamais de oitenta! E o amigo à uma certa distância. E a rua escura. E deserta. E os oitenta cruzeiros.

É, eu já pensei, repensei, e não tem jeito. Talvez ele fosse um excêntrico; uma pessoa que não age de acordo com os nossos padrões. Pode ser. Um simples diferente. Mas podia ser um revoltado com a sociedade (como tantos hoje em dia), que resolveu sair à luta e não se acomodar mais com tudo e com todos (como nem tantos hoje em dia). De qualquer forma não faz muito sentido; excêntricos ou revoltados não exprimem nada com oitenta cruzeiros. E também ninguém é excêntrico por oitenta, e muito menos por cruzeiros. Não, não; não faz sentido.

Talvez fosse um psiquiatra tentando me analisar. Bem, perdeu o seu tempo; eu dei cem. Ah! É isso! Eu dei cem! Eu não dei os oitenta! Bem, mas e daí? Pediu oitenta, levou cem. Vai analisar o que? A minha bondade? Magnanimidade de vinte cruzeiros? Não faz sentido. Minha fisionomia quando ouvi a palavra oitenta? Ou quando dei os cem? Não, psicólogo não. Não perderia o seu tempo. Não assim. O divã é mais rendoso. O fato é que talvez gostasse de me analisar agora...

Ou fosse até um gozador. Queria que eu risse, mas não ri. Dei os cem, e nada mais. Mas posso rir agora. Olha: HA! HA! Não era assim? Bom: ha! ha! Espero que goste. Que diabo!

Diabo. Talvez. Ou Deus. Um ou outro pra me mostrar o fim do mundo, ou a ressurreição das cinzas de sei lá quem. Um alerta para os anos oitenta. Não, muito óbvio. Se existe uma razão, é mais abstrata, mais hermética. Afinal, temos de fazer jus ao chifre e ao rabo pontudo do diabo, ou aos espinhos do santo. Oitenta cruzeiros!...

Pegou com as duas mãos. E agradeceu. E eu fui embora. Que história! A razão. E a razão? Tem de haver uma razão. Para tudo há uma razão; mesmo que seja não ter razão já é uma razão. Portanto, ele deve ter uma razão; não, eu; não, os oitenta cruzeiros. E por que não me dá cem cruzeiros aí? Por que a gentileza de me dar oitenta cruzeiros? E o olhar? E a razão?

Poderia ser um marido traído que resolveu se vingar da mulher saindo às ruas e deixando as outras pessoas intrigadas; estas iriam para casa, perderiam o sono pensando no acontecimento incomum e morreriam devido a terem ficado tão intrigadas que se preocuparam ao extremo, tiveram uma úlcera e morreram. Porém mesmo assim fica faltando algo; não encaixa direito. Não bate com nenhuma esquizofrenia detetivesca. Oitenta cruzeiros...

Se fosse talvez um filósofo... Filósofos costumam fazer isso: falam coisas para que os outros muito tempo depois tentem compreender e nelas achar algo de proveitoso. O gozado é que quanto menos inteligível, mais proveitoso! Tem sido assim por séculos. Ou então ele queria me chamar a atenção para o fato de que não há proveito nenhum; o proveito é só uma opinião mais favorável a respeito da opinião de outrem, que, por coincidência, vai ao encontro de nossa opinião. Que filósofos que nada! Que oitenta que nada! Toma cem, e bom proveito.

Ou talvez ele seja um mendigo qualquer que disse oitenta para impressionar, para mostrar que ele é um mendigo culto, que sabe contar, que conhece os números. Afinal ele não mora embaixo da ponte; ele deve morar no Alto... Pode ser... Mas ainda assim, oitenta cruzeiros...

Realmente, homem, seja o que fores, deixaste-me pensativo. Agora me explica com sinceridade; quando é que pensaste que um dia alguém iria perder duas noites de sono pensando em uma mísera frase que disseste? E é aí que te peço desculpas. Se eu fosse alguém famoso, realmente seria uma honra para ti seres considerado por mim. A esta hora deverias estar te sentindo um verdadeiro rei. Mas deste um grande azar. Sou nada. Nem para mim nem para ninguém. Desculpe, oitenta cruzeiros. Prometo um dia ser alguém para que aí então te sintas orgulhoso de ti mesmo. Vejam só: oitenta cruzeiros...

Ou talvez sejas um sonho que tive. Mas tua fisionomia é real demais para ser sonho. E não irias pedir oitenta cruzeiros. Talvez pedisses oitenta e nove, mas nunca oitenta somente. Não é número de sonho. De sonho meu.

Bem, eu acho melhor é você aparecer de novo e me explicar, pois essa eu não entendi.

E o bêbado vai andando pela rua, e na outra calçada as mulheres cochicham embaixo de um prédio alto com uma janela iluminada contra uma noite chuvosa e ramelenta.

PARA HEMINGWAY

Eu dei um pão ao gramático.

Não era um pão comum. Era uma bisnaga bonita, grande, bojuda; as pontas bem desenhadas, quase que sem côdea, moreninha. Uma bisnaga realmente muito graciosa, Com linhas de tostado ao longo dela, e pequeninos vãos ao longo das linhas, de um miolo quase saliente e apetitoso. Mas isso não interessa.

O que interessa é que eu dei um pão ao gramático. Eu dei um pão ao gramático. Eu dei um pão ao gramático. Eu dei um pão ao gramático. É, não muda quase nada; é bem sutil, mas tem diferença. O que se poderia tirar disso, além da perda ilógica e desnecessária de tempo? Bem...

Talvez seja tudo um caso político; o miolo é a massa da população oprimida e dominada pela côdea. Ou pode ser tudo uma questão de economia, ou de saúde – ambas estão no pão, ou não? Ou talvez sexo; talvez o pão seja um símbolo fálico eternamente presente em meu subconsciente desde que meu pai me bateu, quando eu tinha cinco anos, com uma correia, e já que o binômio correia/pão tem toda uma simbologia filosófica de frustração sexual, talvez isso tenha-se refletido no meu gesto para com o gramático.

Ou talvez tudo isso seja nada. O pão é só o pão, e nada mais que o pão, ou um pão. Mas não; aí seria tudo simples demais, e uma resposta importante assim não pode ser tão simples, tem de ser complicada, difícil, somente poucos a ela podem ter acesso. E se o pão for simplesmente o pão, não tem graça. Porque se o pão é só o pão, é porque o pão não é nada mais do que o pão. Pois se o pão não fosse o pão, o pão não seria o pão, e aí o pão seria o não-pão. E todos sabemos que o pão não pode ser o não-pão; se não, o pão não seria o pão. E o pão é o pão. É o pão? Por favor, tem de ser o pão!... Meu Deus! Deus? Deus pão. Eu ainda acho que o pão é só o pão.

E o gramático? Bem, o gramático não existe; é só uma invenção para que eu possa ter alguém para quem dar o pão, uma vez que não posso dar o pão a mim mesmo nem a uma parede. Portanto, o gramático é como a gramática: não existe. É só uma figura ilusória na história da História. Se for.

Mas é que eu dei o pão ao gramático. Eudeiopão aogramático. Eudei opão aogramático. Eudeiopãoao gramático. EU deiopão ao graMÁtico. É só uma questão de fonética. ôôôôpãããã. nãããooo. Nãoão nãoãoão NÃO nãoão não. Não pão. Pão não. Pãopão. Nãoão.

E se o gramático não gostar do pão? Mas você não disse que o gramático não existe? E no entanto eu dei o pão ao gramático. E ele comeu o pão? Ihh, que confusão!

Eu ainda acho que o pão é só um pão; um mero pão. Essa é a essência da vida. Viram, filósofos? O que vocês procuram desde os primórdios da humanidade eu achei sem esforço em quinze minutos. A essência da vida. O pão. Que é só o pão, nada mais que um pão, na forma de pão, com gosto de pão, e que parece até um pão. E o mais importante: é pão porque rima com não. Só isso.

E aí está a essência do pão, não, da vida. Agora só falta fazer com que todos acreditem nela. Descoberta ela já está, para quem quiser vê-la.

Eu pessoalmente não concordo com isso; eu acho que o pão é só o pão. Mas como você diz que o pão é só o pão, eu acredito. Afinal você é muitíssimo mais conceituado que o pão, digo, que eu. Não? Não! Mas, vá lá: o pão é só o pão. Pão com pão, recheado de pão, e com nome de pão.

É uma pena que eu tenha de parar. Essa discussão me deixou com sono. Mas eu ainda acho que tem algo no pão, não é só isso. Não pode ser só isso. E pensar que poderíamos discursar sobre isso a noite inteira. Eu dei o pão ao gramático. Não foi à gramática, foi ao gramático, pai da grama e filho do tico-tico. E além de tudo, fui **EU** que dei o pão ao gramático.

Por que será que ninguém estuda a sintaxe dessa frase? E a semântica, também? E a razão, também? É por medo. Medo de acharem que o pão é o pão e não o pão. E que não tem continuação. Nem conclusão.

Devido ao mau tempo, interrompemos a nossa programação. Pra comer pão.

Rio, 1983.

VARIAÇÕES DA MESMA BUNDA

Há uma bunda à minha frente. É uma bunda de mulher. Meus olhos já sonolentos com a tarde da noite admiram-na (a bunda) com a indiferença curiosa de quem não tem nada a perder (nem a ganhar), enquanto o ônibus rola pelo asfalto molhado, sacolejando, a mim e a bunda.

Uma bunda. De mulher. Curioso: já vi tantas bundas, inclusive a minha (uma vez pelo espelho), e em tantas posições diferentes, cobertas com os mais variados tecidos, descobertas, e no entanto esta me chamou a atenção. Mais curioso ainda: como sei que é de mulher se não vi a mulher que a possui? Só sei que é de mulher. O que haveria de interessante numa bunda? Talvez seja a calça, que faz vincos curiosos porque estratégicos em determinados lugares; talvez seja o seu formato, redondo e aparentemente fofo, não muito sensual mas atraente. Ou é até a cor da calça. Sei lá... O fato é que a bunda lá está. E eu continuo a indiferenciá-la.

Olhei para cima e não consegui ver o rosto da mulher (mas eu estava certo: é uma mulher!); portanto, volto a olhar a bunda. É realmente uma bunda bonita, o que a faz ser definitivamente uma bonita bunda. Dá vontade de apertar. Não é aquele aperto sensual, planejado, com intenções pós-apertuais; é como se desse vontade de apertar uma almofada de espuma revestida de camurça rosa. É gozado: estou começando a gostar dessa bunda, ainda que não tenha conseguido encontrar a razão de tanto interesse numa reles bunda de uma insignificante humanoide fêmea que jaz meio pipocando à minha frente. No entanto acho que vou sentir saudades dessa bunda.

(Tem um cara ao lado que também está olhando para a mesma bunda. Eu sei disso porque há pouco, já cansado de olhar a mesma bunda por tanto tempo sem parar, desviei um tanto o olhar para descansar; daí que vi o tal rapaz a admirar a bunda em questão. Conclusão: a bunda realmente é atraente! O problema não é só meu! Viram? Senti até um desejo quase incontrolável de questioná-lo a respeito da bunda: por que você está olhando? que acha? está gostando? já viu bundas maiores? e melhores? gostaria de tocá-la? por que não toca? compraria uma pra levar de recordação? por quanto? Mas não perguntei. Fiquei somente a imaginar que terríveis pensamentos deveriam estar passando pela cabeça dele; devem ser excitantes, pois ele não tira os olhos da bunda – eles passeiam pra lá e pra cá, acariciando...)

Mas voltei a olhar a minha bunda. A bunda é pública; todos podem olhar. E agora há algo diferente: a bunda mudou! Mais precisamente, mudou o ângulo uns poucos graus, mas o suficiente para me dar outra visão. Ficou ainda mais redonda, ou melhor, mais gorda. Parece a bunda da minha mãe! Está um pouco caída por sobre a parte posterior das coxas, como dois sacos de farinha pendurados num varal próximo a uma parede. Que bunda feia! Salta logo, bunda!

Agora a bunda deixou de sacolejar. Vagarosamente ela começa a se movimentar num aceno de adeus (uma banda vai pra frente enquanto a outra vem pra trás; depois inverte). E a bunda vai ficando mais longe, mais longe... Desapareceu! Aonde foi a bunda? Pensando bem, era uma bunda muito orgulhosa, muito pomposa; não serve como companhia. Era só uma bunda, nada mais. Só que eu ainda não descobri o que é que eu achei de tão interessante naquela bunda.

Virei os olhos para a direita e vi uma maleta marrom pendurada na mão de um homem...

Rio, 1983.

HISTÓRIA DAS TRÊS FADAS

A primeira fada era uma puta gorda, velha e feia. Usava sempre um vestido muito curto e apertado que fazia até com que suas coxas parecessem roliças, excitantemente roliças, e bonitas. Apoiava-se numa parede de esquina todas as noites à espera de que um eu mais corajoso descesse do ônibus e dissesse não-sei-o-que a ela, para que então respondesse toda sorrisos cariados que sim (o mesmo do casamento, mas um pouco diferente; talvez só pela entonação, nada mais que a entonação). Sempre só. E sorridente. E calada. O olhar sempre fixo num ponto que até hoje não consegui identificar; penso que deve ser um lugar em nós mesmos (digo, nos outros que não ela), que só olhar calejado e experiente de uma puta pode ver. (Aliás, eu gostaria de casar com uma puta. Só por causa do sim melhor entonado.) Uma figura imponente. Impunha respeito. Coxas firmes, nunca se encostando na parede totalmente como se fosse cair de cansaço; só para ter um pequeno apoio: pé esquerdo, pé direito. Um cá, outro outro dia. E assim ia. Às vezes não a via. Talvez estivesse doente. Ou trabalhando sem parar. E sempre de roupa branca, que realçava seu corpo moreno, reluzente. Uma puta. Que sabia de tudo. Todas as mulheres deviam ser putas. Não devia haver mulher; só putas. O incrível em nossa língua é o desperdício de palavras. Mulher. Puta. Rameira. Senhorita. Por que não só puta desde os dezoito anos? O casamento agradece: obrigado. PUTA. Te adoro, puta. Daria tudo pra que me fizesses um carinho. Aquele que não sabe o calor que tem a mão de uma puta; o deslizar suave e conhecedor das mãos e da língua de uma puta; o beijo profundo, mecânico, desinteressado e excitante de uma puta; enfim, a puta em si – não é homem; nem mulher. Não é nada. Não é ser humano. Aquele que não viu o brilho nos olhos de uma puta quando pegou tranquilizadamente as notas do parco dinheiro que lhe valeu mais um pequeno desgaste no vestir do vestido; aquele que não notou o tom artificialmente firme e habitualmente decidido de uma puta quando diz o preço e o lugar; aquele que não se deitou numa cama com uma puta que lhe virou o rosto para evitar os olhos curiosos; aquele que não sabe o que é querer demorar-se sendo apressado; aquele que pergunta e é respondido com evasivas e um abraço não-faz-perguntas-e-anda-logo – não é gente. Não sabe analisar o que a noite significa; não sabe que valor tem uma estrela que pisca solitária às duas da manhã, envolta em nuvens frias que ameaçam a tempestade. Puta. Mãe, avó e tia. Virgem – puta por dentro, nos dedos e nos olhos. Mulher – puta no corpo e no não. Homem – puta na fuga. Homem – tua masculinidade é puta; prostituta, prostituída e morta na miséria. PUTA, eu te amo.

A segunda fada era um veado negro, jovem e recalcitrante. Vivia embaixo de uma marquise todas as noites, com uma tanga amarela e um bustiê marrom; tudo coberto com um manto dourado (mas não muito amarelo nem brilhante), que se abria na frente de alto a baixo. Andava de uma porta a outra de um edifício de três andares sob a marquise. Ia até o carro que parava, sorria, abria o manto, e quase sempre voltava para a marquise fechando o manto calma, cuidadosa e, acho, desesperadamente. Quem o olhasse de mais perto veria rugas em seu rosto. Rugas do dia a dia; rugas da noite a noite; rugas do veado!; rugas da maquiagem; rugas da polícia e da porrada; rugas da risada de escárnio pelas costas; rugas dos olhos que querem fechar-se durante a noite e não conseguem porque o aluguel vai vencer e o marido vai espancar de novo. E pensar que falo para você que nunca reparou nele. Você ainda não olhou bem nos seus olhos, e, conseqüentemente, não viu seu reflexo neles. Não se enxergou reprimido no andar balançado; não se lembrou das brincadeiras de médico que tinha com o vizinho do lado, que por sinal hoje passa na outra calçada quando o avista (talvez porque não goste da sua filha). Você só sabe que é veado. Um VEADO e mais nada. E veado é tudo que não é homem nem mulher. Outro desperdício. Palavras demais. Você é veado! Veado, vem cá! Mostra o teu corpo pra ele. Veado, vem cá! Mostra o teu corpo pra ela. Tira a roupa. Mostra tuas pernas flácidas que não descansam à noite. Mulher, és um grandessíssimo veado; tua feminilidade é tão falsa quanto a realidade do veado; tão irreal quanto a vagina do veado. Homem, tua moral é tão deformada quanto o rosto do veado, e tua força tão necessitada quanto o ânus do veado. Veado, vem cá! Finge de puta. Queria ver um veado vestido de noiva com véu e grinalda numa igreja, beijando o noivo; no passeio de volta do altar, abrir o manto e gargalhar ressoante no corredor, ecoando pelas naves deste mundo. VEADOOOOOOOOOOOOooooos... VEADO, me dá um beijo!

A terceira fada era eu.

Rio, 1983.

FÁBULA

— Não sei, Édipo. O fato é que eu tenho o maior tesão em você!

— Não, não. Você tem tesão na dependência criada pelo processo analítico. Não é no Édipo, é nas palavras dele; é na sua idealização do Édipo.

— Poxa, então até agora só trepei com psicanalistas. Então todos os homens que treparam comigo são analistas?

— Por quê?

— Porque se o tesão que eu sinto por você não é por você, é pelo processo analítico, e se esse tesão é igualzinho ao que eu sinto pelos outros homens que trepam comigo, então com eles também o que eu sinto é um tesão pelo processo analítico deles. Daí que todos eles devem ser psicanalistas como você. É tudo uma sequência lógica. Não é?

— É. Lógico é...

— E na verdade, eu nunca procuro saber exatamente a profissão deles. Mas meu primeiro marido era economista...

— Olha, você está deturpando minhas palavras...

— Tudo bem, então me responde só uma coisa. O que é que você sente por mim?

— O que é que eu sinto por você? Ora... nada. Quer dizer, nada carnal. Só uma amizade profissional.

— Só? Mais nada? Só isso?

— Só! Escuta, isso é comum acontecer no processo psicanalítico. É como o ditado: toda mulher se apaixona pelo ginecologista...

— Mentira!! Meu ginecologista é veado!

— Você não entendeu. Isso é figurado...

— Deve ser, porque meu segundo amante foi meu dentista. Ginecologista não tem graça. Não é novidade. Ginecologista vê umas dez xoxotas por dia. Pra ele é tudo igual. É como coveiro...

— Ah! Aí é que eu queria chegar [suspiro aliviado]: essa sua fixação com a morte é que deturpa as ideias que você tem do mundo.

— Bobagem. É a primeira vez que eu falo em morte. E não foi nem morte, foi coveiro, e foi figurado.

— Figurado?

— É lógico, porque...

— Eu entendo, eu entendo [rapidamente]. Mas é aí que está a raiz de tudo: no fundo, no fundo, tem algo em sua mente que levantou essa areia do fundo. Sua fixação com a morte estava embotada por essa sua ninfomania crônica...

— Minha o que?

— Ninfomania crônica.

— Traduz.

— Galinhagem.

— Ah...

— Daí que...

— [interrompendo] Mas eu não sou galinha. Você é que é machista, porra! Mulher tem que casar, ficar em casa, ter filhos, e ler jornal, pro marido não achar que é burra. Não fode, Edipo. Mulher não pode trepar, né? Eu trepo porque gosto. Lavo, e trepo de novo. Talvez tenha algo mais no fundo, como você diz, e é por isso que eu estou aqui. Mas me chamar de... esse negócio aí... ah, galinha, aí não. Isso é machismo. Como é que se chama machismo em linguagem psicanalítica?

— Não existe machismo em psicanálise. Isso é uma coisa cultural.

— Tá vendo? A psicanálise também foi criada por homens e para os homens. Agora, a sacanagem é: como é que uma mulher pode se tratar? Aquele babaca do Freud é que estragou isso tudo. Onde é que já se viu? Um homem brocha, que começou a tentar entender por que que ele era brocha, que escreveu um monte de merda generalizada, e que é idolatrado como guru do mundo. Ah, não! E vocês, psicanalistas de faculdadezinhas de bosta, vão atrás do que a bichona disse! De olhos fechados! Mas não admira: homem se entende é com homem mesmo.

— Você está exagerando. Mas tudo bem. Eu não posso discutir os fundamentos da psicanálise com você. Você é leiga no assunto.

— E além disso não dá tempo. Aliás, onde é que a gente estava?

— Na morte.

— Não, isso foi depois. Ah, eu estava dizendo que quero trepar com você.

— Escuta, você já reparou como é que você está vestida?

— Alguma coisa contra a minissaia?

— Não, mas já viu como você está?

— Como é que eu estou? Deitada!!

— Eu estou vendo as suas coxas todas.

— Porra, pra que é então que você usa divã inclinado? Se não quer ver as minhas coxas, vira de costas.

— Mas aí eu não vejo a sua expressão quando você fala...

— Eu preferia que você visse a minha expressão quando eu faço outra coisa...

— Olha o nível.

— Tá bem, mas que eu sinto tesão em você, eu sinto, e ponto final.

— Mas você tem que se conscientizar de que não é em mim.

— Ah, você está é querendo tirar o corpo fora. Você é homossexual?

— Claro que não! [horrorizado] Por quê?

— Nada. Já sei.

— Sabe o que?

— Se você trepar comigo, não vai poder mais me analisar. Daí que são menos alguns mil cruzados...

— Ah, deixa de bobagem. [assustado] Eu estou aqui pra te tratar. E vamos voltar à sua fixação pela morte que tem sido até agora obscurecida pela sua ninfomania.

— Olha, eu já tenho medo de fantasma; você fica falando de morte, de noite eu não durmo. Aí, vou ter que vir aqui me tratar de outra coisa!

— Vê só? Então você tem medo de fantasmas, não é? Já morreu alguém próximo de você?

— Já.

— Viu? Vamos chegar lá. Quem?

— Um cara atropelado do meu lado num sinal da Rio Branco.

— Você está me gozando?

— Porra, claro que não! Eu ia atravessar, ele também, aí...

— [interrompendo] Eu quero dizer, alguém apegado a você.

— Ah, entendo. Já, sim.

— Viu? Vamos lá. Esse é o caminho certo. Quem?

— Meu cachorro, ano passado. Atropelado em frente à minha casa.

— Pô, quer me gozar, tudo bem.

— Não é gozação. É sério.

— Olha, eu estou falando de uma pessoa, gente, que fosse apegada a você...

— E cachorro não é gente?

— Pra mim, não.

— Pois pra mim é. Eu adorava o Apolo.

— Muito?

— Muito. Eu até chorei. Não deu nem pra enterrar. Ficou todo amassado...

— Chega, vamos voltar...

— Me responde um negócio: quem trepa com cachorro também é ninfo... ninfa... ninfo... maníaco?

— Como é que é?!!!

— Quem trepa com cachorro é ninfomaníaco? (Não é essa a palavra?)

— [aterrorizado] É... não, quer dizer, a palavra é essa, mas não é esse o termo.

— Ah, bom. É o que? Tem nome?

— Tem. É pervertido. Trata-se de uma perversão...

— [interrompendo] Ai, puta que pariu, vocês têm uns nomes que ofendem.

— Olha, eu acho que matei.

— Quem?

— Não, o seu problema.

— Então fala.

— Seu problema é que essas duas mortes, ambas muito próximas fisicamente de você, curiosamente por atropelamento, levaram você a procurar refúgio no sexo.

— Mas antes do Apolo morrer eu já trepava pra caralho.

— É?

— É.

— Então não é isso. Vamos voltar.

— Escuta, eu sou a última paciente?

— É.

— Vamos tomar um chope depois da sessão?

— Minha filha – abaixa as pernas, por favor – entenda: analista não pode trepar com analisando. [suspiro]

— Mas eu não sou analisando, eu sou analisanda. Com a, de mulher...

— Também não pode.

— Ah, você mudou agora.

— Olha, presta atenção. Você me procurou pra resolver um problema. Não arruma outro.

— Tá bem, tá bem. Eu não sei... Desculpa. Eu acho que o problema mesmo é que eu adorava o meu ex-marido. Aí aquele puto me deixou e eu comecei a dar pra todo mundo pra me vingar dele. E eu era muito puritana. Aliás, ainda sou. É que com essa onda de liberalidade, a gente ganha armas novas pra conquistar as pessoas. Mas no fundo é tudo falsidade. Vê só eu: no fundo, no fundo, eu quero mesmo é um marido. E eu sou independente!

— [pensativo] Não é nada disso. [decidido] A raiz do seu problema não é vingança. É algo mais profundo, mais complexo. Você está totalmente enganada. Mas fica calma; nós vamos descobrir o que é.

— É, mas na outra sessão. Hoje eu tenho que sair mais cedo. Eu tenho um compromisso.

— Quem é?

— Meu lixeiro.

— [admirado] Quem?!

— O lixeiro. É um lixeiro novo, bonitinho, que me ajudou a limpar o sótão. Aí ele não quis gorjeta. Aí eu achei ele bonitinho e convidei ele pra tomar um café. Aí ele me beijou. Aí depois eu marquei pra hoje lá em casa depois das sete, porque os vizinhos estão vendo a novela e não vão ver quando ele entrar. Se não eles vão pensar que eu sou vulgar, vão me encher o saco... Por isso é que eu tenho que sair mais cedo.

— E você não tem nenhum medo dessa relação? Nenhum receio?

— Um pouco, mas ele toma um banho antes e tudo bem.

— Ah, sim.

— A não ser que você aceite aquele chope...

— Não, obrigado. Você sabe que nós não podemos tomar esse chope.

— Bem, eu não vou insistir.

— Não vale a pena.

— Durão. Pelo menos vê se me cura.

— Vou tentar.

— Será que psicanalista trepa?

— Por que não?

— Você tem mulher?

— Tenho.

— Ela tem orgasmo?

— Tchau.

— Ah, aí é que está a raiz do seu problema... Não quer falar, evasivo, ah...

— Tchau.

— Tá bom, tchau. [levanta e sai da sala]

— [fecha a porta] Ainda como essa mulher.

ENQUANTO HOVER BRIGADEIRO

A mulher está parada à minha frente, e eu sem dizer palavra. Limito-me a olhá-la, a observá-la, a lembrar-me de como, onde, por que e em que situação a vi pela primeira e única vez, e a fazer um comentário com minha amiga, que está ao meu lado comendo brigadeiro. (Eu também estou. Compramos num camelô que agora serve a mulher de quem falo. Ela está acompanhada de uma amiga.)

— Eu até que podia chegar até ela e dizer "oi". Mas nós sabemos que se eu dissesse "oi", ela iria me perguntar (olhando com aquela cara de quem não está entendendo muito bem o que se passa, e que ao mesmo tempo está suspeitando de um assalto, curra, ou, na melhor das hipóteses, uma cantada) de onde é que eu a conheço, e eu poderia até tentar explicar que eu a conheci um dia em que fui levar uns filmes para revelar na loja onde ela trabalha, e que ela foi muito atenciosa comigo, e que chegamos até a conversar um pouco sobre imbecilidades que são ditas pelo freguês à balconista para que ela não se sinta inferiorizada, e pela balconista ao freguês para que este sinta-se bem atendido. Bem, isso iria levar um tempo enorme para ser explicado, ao fim do qual, ela, ou com um sorriso de esquiva ou com o rosto fechado de tédio e/ou raiva, iria pedir desculpas e me dizer que sentia muito, mas não se lembrava de mim porque são tantas as pessoas que ela vê por dia que não dá pra guardar a fisionomia de todo mundo. Para não ficar com cara de pateta, eu, provavelmente, balbuciaría algo como uma desculpa ou alguma filosofia de botequim tal como essa vida agitada da gente, que não deixa que a gente se relacione com as pessoas de uma maneira mais afetuosa que comercial, daí ela não se lembrar de ninguém (claro, também para salvar as aparências perante minha amiga – você – que poderia pensar que isto tudo era uma cantada disfarçada, um produto de uma meia loucura, ou até um desejo incontrolável de me exibir), diria tchau e continuaria a conversar com você como se nada tivesse acontecido, e nós iríamos embora. Lógico que as consequências disso poderiam ser diversas, como, por exemplo, eu poderia ficar profundamente abatido pelo fato de a garota (uniformizada, por sinal, simpaticamente uniformizada) não se ter dignado dar-me a atenção devida; eu poderia até desenvolver um complexo de inferioridade – ninguém me ama, etc. – e tudo porque a menina não quis conversar comigo. Aí então eu certamente teria problemas emocionais; iria pra casa, choraria, me acharia o último da espécie humana – aquele que nasceu porque o espermatozoide era cego e, pensando que o óvulo fosse uma muleta, agarrou-se a ele, e, desavisadamente, foi entrando na trompa até que escorregou, caiu, e, na queda, melou-se todo com esperma, que é uma substância meio grudenta, foi levantado pelo óvulo (muito simpático) com certa violência, devido à qual colou-se a este, e aí não houve jeito: fecundou-o! – e, num gesto puramente defensivo emocionalmente, acabaria por achar a balconista metida, feia, sem graça, imbecil,

burra e sem cultura. O que, é lógico, estaria de todo errado. Ou então eu poderia ficar triste porque talvez alimentasse um sentimento novelescamente romântico por ela – o rapaz que encontra a moça numa situação inesperada (ela é bonitinha; ou o uniforme impecavelmente apertado, limpo e charmoso a faz parecer tal), os dois apaixonam-se e vivem felizes até a morte –, que foi cortado à sua primeira manifestação. O que, também, é totalmente fora de propósito e carece de base para se desenvolver. Ou ainda poderia revoltar-me com o capitalismo que empregou a moça e exigiu que ela se vestisse assim e me tratasse assim e me fizesse pensar assim e analisar isso tudo assim e no final ficar frustrado assim. E isso também não vai acontecer. Sem falar que ela poderia assustar-se, gritar "ladrão!" e sair correndo, e aí a polícia poderia acreditar nela, prender-me, e como é que eu ia fazê-los acreditar numa história idiota de um cara que foi levar uns filmes pra revelar, viu uma moça, etc.? Ou então ela poderia me dar um tapa por me achar abusado e sem tato para abordar uma mulher (ainda mais com uma mulher ao lado, que poderia ser até minha mulher – e isso poderia até trazer outro problema: como estamos aqui eu e você, um casal, e elas são duas mulheres, poderia passar pela cabeça dela uma fantasia erótica baseada numa notícia que ela leu no jornal. Coisas como bacanal, swing, ménage à trois, etc. E aí mesmo é que o tapa ia doer!). Ou quem sabe até ela ficaria com ciúme da amiga – por pensar que eu estava me aproximando dela para no final aproximar-me de sua amiga, talvez até por timidez – e me destratar, ou então destratar a amiga e terminar a amizade entre as duas, ou até ficar tão invejosa e dar-lhe um tapa, ou um tiro, ainda mais se já houvesse um fator de influência no ciúme, como, por exemplo, a amiga poderia, numa festa em que estavam as duas e o namorado dela (da que daria o tiro), ter dirigido um olhar mais demorado ao namorado e causado uma ponta de ciúme, que foi agravado pela promoção que o diretor deu à outra (a que levaria o tiro) e não deu a ela, e outras coisas mais. E morte você sabe que não é o que eu quero causar a ninguém. Talvez nem a mim. Ou quem sabe ela simplesmente me ignoraria? E aí olha só a minha cara, na sua frente, a tentar explicar que não foi o meu machismo que me levou a cantar uma garota bonitinha sob o pretexto de conhecê-la de algum lugar, para me autoafirmar, ou dar mostras do meu gananhismo, ou seja lá o que for que passasse pela sua cabeça. E a sua confiança eu não quero perder. Além disso, a minha namorada poderia passar por aqui agora e me ver conversando com ela; e já vai ser difícil, caso ela passe, explicar o que eu estou fazendo com você, imagine se ela me visse com você mais duas!... Não é?...

— É.

— Para evitar tudo isso é que eu não vou falar com ela. Vamos embora. Esse brigadeiro é gostoso. Agora, o que me deixa triste é saber que eu e essa garota, e quem sabe até você, poderíamos ser bons amigos, ou eu me casar com ela, ou qualquer outra coisa. Mas devido a isso tudo, que culminou no fato de eu não a cumprimentar, nós não conversaremos e não nos

conheceremos melhor. E talvez eu não a veja nunca mais. Nunca mais. Porque assim como eu a vi, por acaso, outra vez, pode ser que, pelo mesmo acaso, eu não torne a vê-la, e aí? Então eu pergunto: será que foi o destino que me fez encontrá-la de novo para que nos conhecêssemos e algo surgisse desse encontro, até mesmo a conclusão de não ter surgido nada? Neste caso eu estou contrariando e/ou desperdiçando o destino, não é? Eu nunca vou saber da verdade. E isso me agonia. E muito. Mas eu acho que foi melhor mesmo eu não ter falado com ela. Não é?...

— É.

Rio, 1984.

CINCO TEMAS PARA DEPOIS DO JANTAR

I A NOITE

Talvez agora eu vos entenda, poetas.

Só agora, já crescido.

Agora acho que consigo visualizar o que descrevestes como noite. Consigo sentir o peso do negro da noite que sufocava aquele jovem deitado na cama dura pensando na vida, cheio de perguntas que nem sua fé lhe respondia.

Consigo imaginar as formas gorillescas da calada da noite peluda pronta a abraçar a criança que sua e que se divide entre gritar ou não pela mãe; e que jamais se tornará adulta na mente do outro poeta que pega no sono de luz acesa. Consigo até tocar (quase!) o monstro assustador chamado noite, que é a única companheira disponível ao prisioneiro condenado à morte no dia seguinte (em bem poucas horas), e que (poeta) tenta cansar-se escrevendo vitupérios nas paredes da cela; talvez assim pesem-lhe os olhos, apague-se a luz (que, a bem da verdade, já não existe; é só uma imagem mental que ficou cravada em seu cérebro – espinhosamente – do tempo em que ainda a via), durma, e, ao acordar, de tão cansado, confunda seu rumo guiado à Última Dor com o sonho no qual implora a Deus venha acalmar-lhe o arregalar dos olhos.

Consigo também prever a noite da donzela de núpcias: o princípio e seu pavor do desconhecido; o meio e sua culpa e dor e pavor e gozo e dor e mágoa e dúvida e tudo; e o fim de sono exausto mais exausto ainda no sono. Porém realizada. Ou melhor, a pedra transposta, a pedra obrigatória, pelo menos como aprendeu na escola.

Consigo anoitecer com o lago e as matas que cercam a casinha no meio do mato e que trazem o fim de mais um repetidodia ao casal de velhos que agora deita, se cobre, se fala rápido, e dorme acalentado por ela, mais uma vez a noite, numa de suas tão miscelâneas formas.

Consigo chorar com a noite do canceroso, espada em riste só aguardando a decepada final. Consigo também agonizar com a noite do tuberculoso que tosse e delira sangue aguardando um não sei o que de milagre que leve essa noite longa embora para sempre.

Consigo temer os fantasmas da noite do indivíduo sozinho à beira da estrada deserta com o pneu do carro furado, espreitado pelos marginais conhecidos e desconhecidos que certamente rondam a área. Consigo assustar-me com as sombras do quarto, movendo-se pavorosas, impulsionadas intermitentemente pela noite forçada e irreal, porque imposta, resultante da briga com o pai.

Consigo, poetas... Consigo...

Todos poetas, todos medrosos, todos acabados.

Consigo tudo, ainda que nada consiga.

Consigno nada, ainda que tudo dê.

Só não consigo dormir.

II OS FANTASMAS

Descobri. São os fantasmas.

A causa de todas as desgraças são os fantasmas. O motivo da briga é o fantasma.

Não é que o fantasma use lençol e saiba andar, ou até falar, mas o fantasma tem presença irrefutável no impenetrável.

Criamos, a bem da verdade, os fantasmas. O medo não é propriamente o medo, mas sim o fantasma do medo que ronda o possuidor do medo. É. É complicado. Não é que exista um "medo do escuro", mas um "fantasma" do medo do escuro, criado para dar dor e prazer à vida: dor de temer o fantasma e prazer com a luz que se acende.

Não é bem a dúvida, mas o fantasma da dúvida que nos espreita e assusta. Esse fantasma que criamos para rondar nossa mente enquanto escolhemos e decidimos. É muito mais cômodo sucumbirmos ao fantasma da dúvida que escolhermos objetivamente algo que pode vir a nos trazer desilusões.

Em vez de tristeza, leia-se fantasma da tristeza, esse que inventamos para nos rondar noite e dia, sempre que estamos contentes. Afinal, precisamos da metade oposta, necessitamos do cumprimento do ditado dos opostos, ou das leis barrocas. E temos pavor não da tristeza, mas do fantasma que leva seu nome, já que a tristeza é abstrata e não podemos ter um medo consciente de ficarmos tristes; preferimos, é lógico, institucionalizar o fantasma e passar a temê-lo, uma vez que se tornou real. Temermos, então, o receio do choro, o medo do isolamento de quem é triste, e o pavor da sensação do castelo desabando dentro do coração, que são, podemos dizer, formas mais palpáveis da tristeza.

Assim como não é o medo do ladrão, mas o fantasma da noite que dorme nas mãos do ladrão, pronto a acordar de um pesadelo e, assustador, extinguir a vida do cultor do fantasma. E o mesmo para o acidente, que na realidade é o fantasma da morte, representativa do desconhecido duvidoso. Jamais tememos a batida, mas o rosto do fantasma. O que tememos, na verdade, são as consequências e as implicações da batida; em outras palavras, o fantasma da batida.

E também o medo do amor, de alguns, em alguns, não é bem isso: é o medo dos fantasmas da traição, do desamor, do tédio, do cansaço, da insegurança, da intolerância, da insensatez e outros menos cotados. Em meio a todas essas influências de todos esses "espíritos" maléficos, é claro que o amor deixa de existir como amor, como instituição sentimental, e passa a ser o mero sentimento de medo disto ou daquilo, ou melhor, dos fantasmas disto ou daquilo.

Fantasmas ou não fantasmas, tememos as coisas erradas, e sentimos as coisas erradas. Inclusive o sono terrível que sinto agora não é o medo de dormir e morrer, nem a triste sensação da incerteza do amanhã, mas o fantasma da incompletude, da incapacidade de me expressar neste momento em meio a todo este turbilhonamento emocional, incapacidade que me dá sono e me faz parar de escrever.

III O PRESENTE

Presente é fácil. É só comprar. Pronto. Comprou, deu, ganhou o abraço e fim. (Para alguns, o mais importante mesmo é o abraço; para outros é o sorriso de contentamento por ter sido lembrado(a); e para outros ainda, o melhor são os doces – embora para alguns o melhor é ter-se livrado da despesa antes que o dinheiro desvalorize de novo; e finalmente alguns não têm prazer algum.)

Daí que o presente em si não é complicado. O terrível é escolher um presente de acordo com a ocasião, aí sim! Por exemplo, é facilímo dar uma blusa a uma mulher, ou um disco a um homem, ou uma caixa de bombons a uma criança; mas será que esses presentes têm algum significado mais profundo? Não. E o que é o significado mais profundo a que me refiro? É a capacidade que tem o presente de fazer com que o presenteado lembre-se do presente não por ser um presente (mais um presente), mas por ser um presente especial, que disse algo comemorativo como a data, algo significativo, algo evocativo de alguma lembrança, ou algo outro.

Falo de coisas às vezes até ridículas, tais como uma mariposa exótica para um colecionador; uma muda de rosa para quem tem uma estufa; uma saia cinza para quem é amante inveterado e obsessivo do cinza; a réplica de um homem de Neandertal para um antropólogo; ou um tapa para um masoquista, ou até, quem sabe, um emprego para um desempregado. E, obviamente, quanto mais sutil, melhor. Sem ser, claro, sutil demais, porque se não ninguém entende.

Há que se pensar; e muito. E isso dá trabalho. Daí ser mais cômodo perguntar a alguém, ou partir para os convencionalismos: mulher usa saia rosa, e homem calças marrons. É simples.

Além do mais, uma tampa de garrafa, embora pudesse ser extremamente significativa para o presenteado, teria custado absolutamente nada – e ainda não se descobriu exatamente o valor do dinheiro neste caso; e um carro, embora pudesse ser extremamente necessário para o presenteado, e não fosse levar o que presenteia à inanição, teria custado demasiado – e já se descobriu exatamente o valor do dinheiro neste caso.

E talvez estejam aí as razões pelas quais não dou nem recebo presentes. Não dou para não ter de pensar, e também para não correr o risco de dar uma pulseira com o nome X para a noiva Y do rapaz Z, rapaz que já trepou com X; e não recebo simplesmente porque não dou, o que prova o afeto desinteressadamente sincero de quem presenteia em nossa sociedade.

O problema é que choro quando não recebo presentes. E o pior é que teria o maior prazer em passar duas horas escolhendo o presente que mostraria claramente o meu amor por alguém, ou que faria a pessoa por mim presenteada guardá-lo com as mais afetuosas recordações. Enfim...

Que fique restando para sempre, então o recurso do telefone.

E salve, Bell! Dois "rings" pra você, e não se esqueça de cavar uma pra mim, hein?...

IV APOLOGIA DA VIDA ENQUANTO VIVA

Mas sim; claro. Depois que eu morrer, é lógico que todos se lembrarão de mim.

Minha mulher comentará com as pessoas mais chegadas os fatos mais curiosos de minha breve existência aqui (breve, porque para quem é lembrado *post mortem*, a existência foi sempre breve – é lei. Você pode até ter morrido um ancião de cem anos-luz de idade, mas viveu pouco, não teve tempo de fazer tudo que o capacitava sua excepcional inteligência). Dirá que fui um homem bom, excelente pai e marido, e essas coisas de mulher-que-perdeu-o-marido-há-pouco. E logicamente não esconderá o orgulho de ter tido um marido que então será famoso (?) – e até atribuirá muitas coisas à sua mãe, ao tempo de outrora, quando as meninas começavam a namorar cedo, diretas para o casamento.

Meus filhos reverão minhas obras e as preservarão para o sempre, tomando conta, é claro, de meus direitos, zelando filialmente por eles.

Talvez até as pessoas passem a ficar motivadas e leiam estas baboseiras que escrevo, não porque acharam algo de belo ou porque se identificam com este ou aquele pensamento, mas porque, então, eu terei morrido, e, cá entre nós, tudo tem um sabor de nostalgia quando está perdido – será que pelo masoquismo coletivo da humanidade?

Vão ler, analisar, comentar e dizer que pena que morreu, tão inteligente, tão sensível, tão com isso, e tão sem aquilo. Se – e o "se" é realmente ótimo, sempre! – tivesse vivido mais um dia – que exagero mais pretensioso – teria deixado coisas belíssimas. E morreu tão na obscuridade... Ninguém reconheceu o seu trabalho, talento, etc.

Para os mais velhos serei o ponto de interrogação na pergunta a respeito do modo de compreenderem os mais novos: o revolucionário criticado por fora, mas acolhido invejadamente por dentro – ah, coragem de ser diferente e mudar que falta! Já para os mais novos serei uma coisa elitizada que, porque desconhecida, complicada e ostracificada, virou

status nas discussões em algum bar intelectualoide da zona sul; vão até achar o que eu não disse...

O problema é que todos (eu, inclusive) tendem a idolatrar o morto. Nossa sociedade cultua o morrido, pelo que deixou, ou não deixou. O que interessa é *ser lembrado*. Homenagens são válidas, porém mais válidas quando podemos agradecê-las pessoalmente. (Certo, eu também acredito na sobrevivência do espírito!)

Vide Lennon, Lenin, Vinícius, Nava, e todos os que ainda estão vivos – no ostracismo ou no semiostracismo. Por que não enterraram o Elvis várias vezes antes de ele morrer? Ah, divagações idiotas. Parem. Não vos darão ouvidos. É mais fácil que sumam no eco desaparecente das palavras no ar, do que moldem novos valores em tão velhas pessoas.

No entanto, os cultores das homenagens póstumas esquecem-se de que não estarei aqui para presenciá-las. Que pena.

V INTERPRETAÇÃO PARA A MORTE DE SÓCRATES

Sócrates morreu. Ao menos para nós. Mas é difícil de aceitar sua morte. Foi estúpida. Foi injusta. Foi como a morte do servente, "preso para investigações"; investigaram tanto que morreu. Coitado. Do Sócrates, é claro. Condenado pela estupidez dos homens, seu egoísmo, ambição e frustração. Morto por um tribunal que se sentiu politicamente ofendido com Sua inteligência e simplicidade. Como Cristo, se é que existiu. Mas, então, e Sócrates? Existiu, também? Ou é uma invenção metafórica dos historiadores que quiseram tapar um buraco na dúvida histórica deixada pela impossibilidade de se penetrar mais profundamente na verdade dos nossos primórdios?

E Sócrates morreu.

E é aqui que todos se enganam.

Sócrates não morreu, simplesmente porque se recusou a morrer para ele mesmo; recusou-se a morrer condenado por uma verdade mentirosa que lhe foi imposta por um bando de covardes. Mas Ele foi mais do que razoável. Recusou-se a morrer para si próprio. E quando se recusou a morrer, quer dizer, quando se recusou a aceitar como verdade toda a falsidade que ouviu e que culminou numa sentença tola, marcada pela falta de provas, caminhos escusos e contradições, estava passando à eternidade viva dos que jamais conseguirão morrer, por mais que tentem matá-los. Este homem não admitiu a possibilidade de ser assassinado por um tribunal falso e invejoso, e portanto descartou a possibilidade de aceitar a morte vinda de tamanha degradação humana e, descartando esta possibilidade, não conseguiu morrer, ou melhor, não deixou que conseguissem matá-lo. É claro que a cicuta foi mais do que eficaz, mas, se um ser humano recusa-se a aceitar a morte, então não pode morrer. Se este homem não aceita as leis, não aceita os códigos morais, não aceita as razões que lhe são

dadas, não aceita os homens que o julgam, e não aceita (e contesta) as provas apresentadas contra ele, este homem não morre, não pode morrer. Só morreria se acatasse a decisão como fato irreversível e inquestionável. Como não aceitou, não morreu.

Além disso, seus dois possíveis destinos após a "morte" provam que não aceitaria a morte como morte e sim como sono ou conversa com amigos, e, em qualquer dos casos, essa morte jamais seria morte, e sim vida. Só se dorme vivendo, e só se conversa com os amigos em vida, também. Portanto, sabia que não morreria como se supunha que morriam os outros seres humanos de seu tempo, e não morreu como queriam seus inimigos.

Do mesmo modo como Fidel não foi condenado, pois se recusou a aceitar a decisão dos "homens justos da lei". A prova é que voltou e viveu. E para sempre viverá. Mesmo que morra.

Este é o segredo da tão almejada vida eterna, ou não é? É só não morrermos que não morreremos. Ou melhor, é só não querermos morrer que viveremos. Viva Sócrates. O inventor da vida após a morte.

Se me ouvires, Sócrates, saiba que me recuso a acreditar em tua morte. Sinto-te vivo como lá entre os gregos, de túnica e dialeticando com este e aquele. Espero que eu também não morra. Que consiga viver por muito tempo, que deseje viver para sempre.

Rio, 1984.

DIVAGANDO OUTRA VEZ

Ah! se eu pudesse passar a noite inteira a escrever... E o dia inteiro também... E o outro... E o outro... Quanta coisa teria para dizer, para contar, questionar, perceber. Porém é sempre tarde. É sempre tarde em nossas vidas para que comecemos algo que, pensamos, deveríamos ter começado quando tínhamos dez anos. Sempre é tarde quando queremos fazer algo a respeito do que estamos seguros de que queremos dar início.

Todavia, nada disso nada muda; continuarei sem poder escrever o dia e a noite inteiros. Jamais poderei dar vazão ao acúmulo de sensações que se digladiam contra meu id insatisfatoriamente reprimido.

Ah! Drummond. Por que não nasci vós? Por que nasci eu?

Esta é outra pergunta que nos fazemos bem frequentemente. Aliás, nunca somos as outras pessoas, somos sempre a primeira; e quanta insatisfação em sê-lo! Quisera eu poder abnegar o desejo erroneamente invejoso de querer ser sonhadamente a terceira pessoa irreal, e arcar com as terríveis e/ou magníficas consequências do fato de viver total e irrefreadamente minha primeira pessoa reflexiva do singular.

Singular plural daquilo que somos. Plural único da individualidade humana. Nós. Eu. O nós do eu, sempre. E sempre o eu do nós.

Nós que sabemos que a vida passa; cheia de nós. Tão cheia de vós.

A voz do cão, petulante e perturbador das madrugadas frias de um inverno aconchegante, mas desconfortavelmente úmido. Latido disforme, intermitente, neurotizante. Espero o latido repetir-se e ele não se repete; escrevo esperando que não se repita e tremo a caneta com ele que retorna, frio, pinicante, abusado. Cadela.

Associação livre: onde está ela?

Quem? Sempre perguntamos quem. Nunca sabemos que é ou onde é, mas quem? Quem é importante. Querida ambiguidade, tenho-vos de novo por hóspede, companheira, e então, por que não, hospedeira. Que coisa ambígua o livro: ensina o novo condenando o velho.

Morto a facadas o poema, assassinado com dois tiros de sono de noite de quarta. Lua cheia a agourar o nascimento da criação tão pura, espontânea, e, acima de tudo, rica de paixões, desafios e, de novo, as malditas sensações.

Realmente é tudo um ciclo; que sempre se fecha, que sempre volta ao início. Círculo de arame a nos atar a cintura cortantemente apertado. Queima. E o balão sobe. E queima a bucha. E mata o boi, come-se o bucho; vomita-se o escrúpulo de matar o boi. E sobe o balão. Sobe e desce. A roda-gigante. Pega foro: a mão da moça. Na mão do moço. Trabalha para se vestir. E...

Mais longe late o cão danado. Revoltado com o sono alheio, incomodado pela beleza escondida da lua que se recusa a aparecer, ofuscado pelo arranha-céu que se ergue irreverentemente poderoso à sua frente, sentidos humanos em dentes caninos. A canis. E a cannabis. Estrela de sonho. Sonho do poema apagado:

"Num mar de soja,
sob o luar do tempo,
na noite escura do eu,
deito-me em prantos de triste alegria.
Vou-me amar bastante,
pois só eu sei
quem sou
e a quem quero
bem.
Vai, meu sonho;
vai para além do muro;
vê se encontra o real,
e por favor
cristaliza-te em chuva fria de granizo,
cobre o topo dos postes,
e a copa das árvores,
esfria a entrada da porta do meu amor;
e faz-me o obséquio
de umedecer os lençóis
que esqueci no varal;
vara de pescar é bom,
mas o peixe é melhor.
Vem, poema;
manifesta-te.
Faz-te presente
em toda a plenitude
do irreconhecidamente belo,
do ultrajadamente incompreendido.
Mostra-me, ar,
do que és capaz!
Respira-me aliviado
ao saber que te sinto,
e por isso repudio esse teu cheiro de enxofre.
Vai, acaba,
tu,
seja lá o que fores."

Rio, 1984.

DIÁRIO

I MANHÃ

E você, relógio? Pra que essa pressa toda? É só pra me lembrar que eu estou atrasado para o trabalho? Já sei. Não precisa me lembrar. Eu estou sempre atrasado. Eu sei disso. E sei também que me atraso porque quero. É tudo totalmente consciente. Durmo tarde para acordar tarde e ter de correr. Daí que não vou ter tempo de tomar banho, preparar as coisas, nada. Será só o tempo de sair em direção ao trabalho. Só. Já sei, relógio.

O ônibus sacoleja e a revista treme em minhas mãos. Enquanto isso, meus olhos sofrem ao pensarem na cama que deixaram tão bruscamente. E fecham-se em luto. Tento convencê-los a seguirem as malditas linhas da revista, mas se recusam. Desculpe, mas as letras são muito pequenas. Não dá. E dão-me uma explicação técnica que não compreendo muito bem; só me lembro de retina, íris, e humor não sei do que. Negro, eu acho. E pela segunda vez acordo sobressaltante. Mas desta vez não acho as cobertas; só a revista sobre o colo.

Ah! De repente a lembrança do amigo que não vejo há meses. Estranho ele, não é? Sumiu. Mas também foi sempre assim. Eu me lembro quando a gente estava na escola... Meu Deus, não telefonei para o banco ontem à tarde! Não faz mal; depois. Que diabo. Um cochilo. Só um cochilo; um cochilinho. Faltam só uns quinze minutos. Que revista que nada. Porra, que janela pra tremer, que ônibus velho, isso é uma vergonha! Meus olhos fecham-se obrigados, e minha mente embota-se de pensamentos pesados que a anestesiaram e me tiram do transe treze minutos depois. Mais um sobressalto. Que se foda o país. Esses políticos deviam todos era tomar... Para. Não fica nervoso. Você está é irritado, e fica botando a culpa nos outros. Mas é verdade; nessa hora tenho raiva do país, do jornal que fala dele... Aliás, não comprei o jornal hoje. E o discurso do...? Como é mesmo o nome dele? Ah, não interessa. Está chegando. Merda, vou ter que levantar e saltar. Poxa, e vou trabalhar o dia inteiro. Que vida de merda. E tudo pra ganhar tão pouco dinheiro no fim do mês. É, mas não adianta ficar aí reclamando. Levanta e vai, rapaz. Salta, homem.

Mas não faz mal, à noite eu durmo. Vamos ver; quem sabe durmo umas oito horas esta noite...

Diabo, agora ainda tenho que andar. Essa vida é dura pra cacete. Vida dura, não é, amigo? Trabalhar, comer e dormir. E procurar refúgio nos bares, clubes, teatros e gastos montados e proporcionados pela cobiça dos que foram mais espertos que você. Sem falar da eterna e inevitável procura de alguém que seja sustentáculo e recipiente para as modorras e aborrecimentos quotidianos; claro, tudo isto disfarçado com o pomposo e doce nome de amor. Inteligentes que somos, pagamos pelo prazer, e cobramos por ele; dinheiro ou mais prazer. Vida dura. Agora, este calçamento é uma vergonha; só buracos. Porra, quase torci o pé.

Sapato desgraçado. Mas é verdade: tudo é pago. Até o ar é pago. Não? Pensa bem. No fundo é. Não existe taxa de ar, mas existem taxas que, se não pagas, te privarão de tantas coisas que você vai acabar morrendo (seja de que modo for: física ou emocionalmente); e morrendo, você não respira – não gasta ar. Daí que para viver – e respirar esse ar poluído – você paga; então, você acaba pagando pelo ar. Ou não? Vida dura. Ou não?

Se alguém na minha família fosse rico, então estaria tudo bem; por mais que eu trabalhasse – Oi, como vai o senhor? Já. Tá na hora. Tá bom. Tchau. – onde é que eu estava? Ah! Mas eu não sou rico. Não, eu dizia que aí então, por mais que eu trabalhasse, tudo bem; qualquer deslize estaria bancado por alguém mais poderoso. Mas não é assim. Que é que eu posso fazer? Tenho mesmo é que morrer aos poucos, ou melhor, trabalhar. E discutir política quando encontrar outro que trabalha. Tudo pelo tempo; sim, porque aí ele passa rápido. Façamos como fazem todos – sem perguntas – e não veremos a duração da vida. Lei número um. O difícil é quando começamos, inconsciente e involuntariamente, a tomar consciência da duração das atribulações da vida. Aí então estamos adoecendo. Decerto. E aí é que a coisa fica mesmo difícil. As perguntas começam a surgir, e, infelizmente, ficarão sem respostas convincentes. E aí nos entregamos à bebida, ao cigarro, à maconha, às mulheres, aos homens, ao sexo, ao amor, à dança, ao violão, aos versos, às ações, aos imóveis – tudo pela ofuscação/mascaração das perguntas que ninguém responde. E viva o disfarce. Trabalha nego; trabalha nega. E vê se esquece.

E quando a criança, esperta e inquisidoramente, perguntar quem é que fala dentro da gente quando a gente não está falando, diga que é alucinação, leve ao médico e dê-lhe um sorvete. E nunca mais toque no assunto. Ela poderia te dar a resposta. Adulto de merda. Criança de merda. Mundo de merda. Vão à merda! Bom dia, tudo bem?

II NOITE

Escandalizou-se o bêbado ao me ver passar. Talvez pelo tardio da hora. Talvez pelo rosto cansado. Ou talvez pelas roupas de trabalho, sujas e cheirando a suor. Pulou para trás como se ameaçado pelo cano de uma arma, e me olhou apavorado. Talvez pela bebida que não pagou. E me viu passar. E murmurou qualquer coisa ininteligível. Talvez para si mesmo. Talvez inteligível se eu não estivesse com tanta pressa. Estou sempre com pressa. Até de dormir. Pressa de dormir. Gozado. Efervecentemente hilariante. Pressa de dormir. HA! Eu tenho pressa até de trepar, E até de gozar; imaginem. É sério...

Era só o que faltava: a fechadura... ah; não; tudo bem. Mas o bêbado riu de que? É, depois ele riu, e saiu andando rua abaixo, grogueamente, como um bêbado. Bom, pelo menos ele é um bêbado autêntico, assumidamente autêntico. Apática e entorpecidamente autêntico. Coerente. Tão distante da vida... Como um bêbado.

O problema todo é que existe uma coisa chamada televisão. E pior do que existir, é ser ligada. Por nós. E então começa toda a problemática em cadeia. O filme retrata a história antiga e eterna do homem que se apaixona pela mulher. Ora, isso é ridículo. É sempre a mesma coisa. Os meios variam; uns são criativos, outros menos, alguns estúpidos, outros simples, uns complexos, outros nem um pouco plausíveis, mas o tema central é sempre o mesmo: o reflexo da frustração do autor no desfecho feliz representado pelo beijo do mocinho na mocinha, ou, depois da revolução sexual, da mocinha no mocinho. E a cadeia vai por aí: você assiste ao filme e acha tudo tão ilusório; às vezes você até chora de emoção, mas no fundo você fica tão deprimido, porque você sabe que é um filme, e para você o amor lá em ebulição está aqui já tão desacreditado e desmoralizado que você acha uma perda de tempo assistir até o final. Mas assiste. E com água na boca.

Não comprasse a televisão.

Que coisa besta esse tal de amor. Esquenta, esfria, motiva, discute, apavora, e está sempre por perto, mas sempre vai embora. Quando não vai, troca de nome: vira agressão, traição, negação, ciúme, crime, acomodação, privação, frustração, e uma gama infinita de disfarces que pouca gente nota.

O bom mesmo é a cama onde se dorme. Rola-se nela, familiar que é, que não causa problemas, não reclama, dura e madura, boa companheira, de choro e de felicidade, e que se irrita quando arrastada, que geme com o pulo que dói: que isso? Não é de ferro, não. Vai com calma. Desculpe cama. Durma bem, cama minha. Caminha. Caminho. Do sono. Que eu preciso tanto ver chegar...

Só é irritante saber que a cama não entende os nossos pensamentos, não responde as nossas perguntas, e é a passividade personalizada em matéria inerte. Conseqüentemente, a cama não sabe me dizer onde é que você está, e se você gosta mesmo de mim. Ela só diz que crequecreque quando me viro de um lado pra outro sem poder dormir, com o pensamento fixo na sua cama. Com a qual, infelizmente, não tenho a menor intimidade. Que vida! Dura. Dura cama. Dura vida. Dorme. Dorme, que não tem jeito. E vê se sonha com o dia melhor que a cigana disse que vinha...

Rio, 1984.

ERA PRA SER UMA CARTA, MAS FIQUEI PREOCUPADO**I**

Quando sentamos na cama,
o dia findo,
olhamos o chão desanimadoramente,
com o olhar de quem deveria ter feito cem e fez dois;
é aí então,
quando o coração aperta
esmagando o sentimento de tristeza
para fora do corpo
em forma de lágrimas grandes
e quentes,
é aí que tudo está mal;
É esse o momento da fraqueza total;
é aí que precisamos de ajuda;
é quando necessitamos encontrar em casa
as pessoas para quem ligamos.

II

Não sei,
o chão do meu quarto está sujo,
poeirento;
será, talvez, o reflexo de meu eu.
Ou do teu.

III

Malditas palavras!

Repito-vos todas!

É sempre a mesma amargura,
tristeza e mau humor.

E agora me deprimio,
sinto pena,
de mim, de todos.

Ah! cérebros ilustres,
como vos entendo agora
nesta hora triste!

Vocês que sentiram o gosto podre do chão das masmorras,

você que teve seu amor escondido,

você a quem queimaram,

vocês que foram perseguidos,

todos vocês que se sentiram totalmente desencaixados da sociedade estúpida de vosso
tempo,

todos vocês, enfim, que se lamentaram
com tinta e papel.

Ponho-me no lugar de vocês.

IV

E quero ser feliz,
gosto quando o sentimento azul da felicidade me invade;
quando o mundo é docê
e quando tudo em que piso é suave.
Canso-me, às vezes, de cantar baixo
e gosto quando posso gritar
meu canto alegre.

Nada melhor há do que a irradiação de sensações gostosas,
de alegria de criança gargalhando,
de mãe que vê o recém-parido filho,
do homem que ganhou na loteria
e da menina que tirou um dez.

Mas, desculpem,
o parto também dói;
o amor mais ainda;
incertezas, inseguranças e políticas,
tudo machuca,
maltrata,
e aí assume o cargo,
todo-poderosa a solidão;
não de estar só,
mas de ser só;
a solidão do momento só,
do sentimento só, do só.
E é aí que choro.

V

Desculpe, amor.

Isto era pra ser uma carta;

mais ainda, bonita e alegre.

E talvez até seja,

pois agora vai seu verdadeiro teor:

te amo.

Porém é triste,

pois tenho de escrever,

não posso dizer-te tudo isto,

minha boca perto da tua,

nossas respirações audíveis

e nossos olhares cruzantes.

Mas, ainda assim,

acho que prevalece a alegria

de sabermos que nos pertencemos,

que nos possuímos,

que nos achamos,

perdidos que estávamos para o mundo,

perdidos que estávamos um do outro.

E mais,

que nos gostamos demais.

Um beijo na boca.

Rio, 1984.

EXAGERO DE AMOR

Não quero ser aquilo que sempre procuraste nos outros e nunca contraste:
não quero ser o exemplo de teus amigos para mostrarem que estavas errada;
não quero que em outras palavras de outras pessoas, eu seja o que poderia ter sido
melhor;
enfim,
não quero ser aquilo que não foi.
Pelo contrário.
Quero que aches em minha companhia algo prazeroso;
quero dar exemplo de tua certeza;
quero que sejamos o melhor do melhor;
enfim,
quero que tenhamos do amor
o tudo que fortalece a esperança de novos amanheceres que parecem sempre
chuvosos;
o quero que queiras o mesmo para ti;
e mais que isso,
quero que queiramos nosso amor.
Que tal então se trilharmos o dolorido caminho da entrega,
do qual afastam-se horrorizados os amantes vazios?
Que achas de me beijares quente a ponta do nariz?
E o que pensas de me pedires que limpe a casa,
enquanto preparas nosso almoço?
Proponho, então, que digamos NÃO ao mundo,
e que colemos os corpos suados no amor desvairado,
coxa sobre coxa,
rosto acima do resto,
e que juntos fechemos os olhos,
bem apertados de prazer,
ao terminarmos de viajar
por esses caminhos loucos
que só nós dois conhecemos.
Guardo para ti
um amor infinito,
e a certeza de que ele crescerá ainda maior dentro de ti.
Perdoa-me, então, o exagero,
mas é exatamente assim que te amo.

Rio, 1984.

NO ÔNIBUS

É que a vida está difícil... E tudo que eu sabia, esqueci. Amor agora são só quatro letras bem faladas carregadas de mofo e recordação. E pena é tudo que sinto do mundo – de mim mesmo e do bêbado alegre que passa abraçado à donzela e à derrota.

A denúncia da loucura é desnecessária para o defunto – e que defunto sou eu? Que tipo de morbidez é essa que elimina o rancor de nós mesmos e aplaca o furor da inveja de ver o carro novo do vizinho do lado. E a vida é só o símbolo de uma respiração ofegante: sexo desproporcional de que desfrutaram os deuses dos cifrões voyeuristicamente gozando ante a luta dos animais de carga do asfalto.

Ah! quem dera que tudo fosse o caos... Por que será que as malditas palavras têm sempre de vir organizada e ordenadamente com sentido? Queremos a democracia do coração! Que soltem as palavras!

— E o vinho?

— Que vinho?

— Aquele da ilusão!

— Ah! Aquele...

Palavras não têm de ser palavras, se não quisermos que sejam.

Mundo.

Tudo muito bem.

Enquanto a vida continuar, tudo irá bem.

Naturalmente...

Rio, 1985.